

UM

DA ampla varanda da sua sala de estar, Ana contemplava o rio prateado, naquela tarde de um quente mês de Junho, enquanto o Requiem de Mozart se deixava simplesmente ouvir, ficando-lhe a sensação de que o infinito se atravessava naqueles instantes. Não é fácil descrever a Senhora. Cabelos grisalhos a cobrir-lhe a cabeça por completo, boca pequena, de lábios finos, determinados, e enormes olhos azuis. Essa é a parte simples. O resto é mais difícil. Professora aposentada, tinha dois filhos e um neto, Ângelo de seu nome. Saul, o mais velho, pai do Ângelo, rapaz inteligente e relapso a poiso fixo, aventurara-se, como músico de profissão, em Londres, onde era muito requisitado, pela sua qualidade, para actuações em bares e hotéis, deixando-o sem tempo para uma vida familiar de jeito. Júlio, o filho mais novo, vivia em casa dos pais. Reconhecida pela sua cultura humanista, aliada a fortes convicções católicas vividas, quase sempre, nas margens, Ana era, por natureza, uma mulher desassossegada. Irradiava simpatia, generosidade e uma certa obstinação ingénua mas sempre pronta a tentar pontes. As roupas, simples e despretensiosas, condiziam bem com a sua personalidade, se não com a sua figura. Sobretudo cativava o modo como se desdobrava em riso, rindo pelos olhos, rindo pela boca escancarada de sinceridade, rindo pelo corpo que se contorcia em apelo e dádiva. Quando ria, era, pois, todo o seu ser que ria. Vê-la era gostar dela. Disso não restam dúvidas. Mas havia mo-

mentos em que se ensimesmava e quem a olhasse com atenção perceberia, então, uma sombra. A sua opção musical, naquele momento, expressava os dias de ira que estava vivendo. Deu por si a voltar àquele outro mês de Junho, já lá iam cinco anos, em que ocorrera a primeira grande manifestação da doença de Júlio, ainda por definir claramente, que o levava a fechar-se no seu quarto durante quase todo o dia. Mais tarde, seria internado à força no hospital da cidade: a depressão agravara-se e, com o passar do tempo, acabara por evoluir para um quadro psicótico com episódios agressivos. Júlio estava, agora, irreconhecível, barba escura cerrada, cabelo negro despenteado, pés nus enfiados em chinelos a desafiar o tempo, fizesse frio invernal ou calor de fritar ovos, aspecto desmazelado. Raramente saía à rua mas não estava em casa mesmo quando estava. Tudo era ameaça e só na intimidade do quarto, em reclusão quase absoluta, se sentia seguro. Em que mundo andaria aquele rapaz inteligente e meigo, lindo por dentro e por fora, colaborante nas tarefas familiares, educado e apaixonado pelo trabalho e pela vida? E doía-lhe o coitadinho com que vizinhos e familiares se referiam ao filho, expressão condoída e bem intencionada mas que ela dispensava. Enfim, pensamentos sofridos que levavam Anita a desgostar da vida, ou, para sermos mais exactos, ela padecia de uma estranha doença vivida num misto de fervor e desistência.

Da janela aberta da sala, sentia-se agredida por esse calor excessivo que subia do rio, ondulava por cima dos telhados do bairro e se projectava na sua moradia de rua principal na urbanização. Com este calor, a pequena cidade de província colava-se-lhe à pele, impedindo-a de se concentrar em qualquer trabalho, por mais simples que fosse. Àquela hora de início da tarde, o vagar, a lentidão, o silêncio e a momentânea solidão propiciavam a rememoração e a fantasia. Dois anos haviam decorrido sobre esse mês de Setembro em que entregara a pasta e encerrara definitivamente a sua vida política. Viria a confirmar, ao lon-

go desse tempo, o que já pressentia nos últimos dias de mandato: os cus de Judas a virarem-se para novos cais de amarração, vítimas de amnésia profunda. O seu espírito pragmático não lhe permitira ilusões; encontrava-se preparada. Sem surpresa, deixara de ser referência e fora promovida a caixote do lixo da política local, conforme as linhas estratégicas cosidas pelo jovem De Richelieu.

* * *

Gabriel De Richelieu era um anjo. José Gabriel Camarinha De Richelieu, de seu nome completo, andaria pelos trinta anos. Do lado do pai, teremos de recuar à fundação da nacionalidade para encontrar as raízes da árvore genealógica dos Camarinhas, aristocratas de bom sangue no tempo do senhor rei D. Afonso. Já pela parte da mãe, a coisa era mais prosaica: o suave perfume afrancesado provinha de uma parisiense dos «bidonvilles» com que a emigração presenteara a família. Rapaz seco de carnes, mais para o alto do que para o baixo, nariz longo e subtil de desenho entre o volteriano e o semita, frugal nos dizeres e nos comerres, qual asceta do deserto, esse tal de De Richelieu, tipo perigoso, vivia permanentemente grudado ao telemóvel, sendo os sms e a internet o seu mundo. Os adversários acusavam-no de praticar, com frequência, o hábito estalinista de apagar pessoas da fotografia, tendo bebido tal prática no ABC do Comunismo, panfleto magricela que, décadas atrás, servira de compêndio a revolucionários enlatados, onde se buscavam ideias feitas como quem busca nas prateleiras de qualquer super-mercado. Muitos dos camaradas definiam-no como um cão de luxo, educado a sorrir com um arremedo de inteligência e tolerância mas também de fino sarcasmo perante os adversários. Cedo o demónio da política descobriu José Gabriel Camarinha De Richelieu, cedo o transformou num anjo em ascensão, um guru da política nova vaga destinado a largos voos, talvez a presidência de uma

câmara municipal, talvez uma cadeira de deputado da nação, quem sabe? Por agora, era apenas estratégica.

Tinham-se encontrado, casualmente, numa esplanada de praia, um ano volvido sobre a tomada de posse do novo poder, lembrava-se como se fosse hoje. Fora impossível evitar o contacto no pequeno espaço do balcão. O encontro ficara-lhe gravado na memória e no coração porque tinha sido ela a fazer as despesas da conversa e aproveitara para aliviar a alma.

– Olá! Senhor Richelieu.

– Bom dia, doutora. **De** Richelieu, perdoe-me a rectificação – a acentuação imperiosa no «De» fora atirada em direcção aos chinelos enfiados no pé.

– Então a política veio a banhos? – perguntara ela, ignorando a correcção.

– Uns dias de férias. Também tenho direito, não é?

– O que não tem é o direito de tentar destruir pessoas que já lá estiveram – a acusação saíra sem aviso prévio.

– Eu não estou interessado em destruir ninguém. Se calhar, alguém, com a prática política anterior, é que se enterrou a si mesmo, ao deixar-nos o que deixou.

– Ouça bem! Eu percebo perfeitamente a vossa necessidade de distanciamento mas acho miserável a fixação, no executivo anterior, de todos os males que acontecem nesta terra. Parecem estar com receio de alguma coisa. Olhe, pela parte que me toca, garanto-lhe que a actividade política acabou.

– Está a falar-me das suas obsessões?

– Obsessões têm vocês! E digo-lhe mais, essa estratégia da desconfiança salta à vista. E é maquiavélica!

– Que conversa mais descabida! Desconfiança? ... Acha que temos medo de quê? – mas o sorriso de superioridade alarve de De Richelieu não convencia.

– Sim, desconfiança! Desde o início da campanha que você mostrou desconfiar das minhas intenções futuras, tinha dúvidas

sobre as possibilidades da nova equipa e nunca se fiou no cidadão eleitor. E até os almoços de convívio com os meus amigos o trazem incomodado! ...

– Doutora, isso é uma tese demasiado elaborada!...

– Elaborada?! Estou a referir apenas factos. E não esqueço o que tive de engolir! ... – Ana referia-se a certos episódios típicos da banalidade política: a sua presença havia sido ostensivamente ignorada no jantar de encerramento da campanha, sendo ela a Presidente da Câmara eleita pelo povo – ainda que em final de mandato – e os discursos daqueles dias mais pareciam uma censura obsessiva aos que iam ser substituídos, de tal modo que um viajante chegado de outras paragens, ouvindo tais intervenções, julgaria tratar-se de partidos opostos e de pessoas padecendo de grande desafeição.

– Estava à espera de quê? Tem experiência mais do que suficiente para saber que tinha de ser assim.

– Pois olhe, pela minha parte, uma coisa lhe posso garantir: dei a cara pelos candidatos do Partido sempre que as pessoas me pediram opinião! É que o êxito da sua equipa é o êxito da cidade, entendeu? ...

Lembrava-se de que falara com voz calma e contida, como alguém com ideias há muito arrumadas. Por seu lado, enquanto fitava desesperadamente a desgraçada da imperial a morrer, De Richelieu não decidia em que perna se deveria apoiar, pelo que dava, a quem olhasse, a impressão de que estaria a ensaiar algum passo de dança. Tentara extrair, da bolsinha entalada entre o umbigo e a cintura elástica dos calções, um cigarro e o isqueiro mas só à terceira tentativa tivera sucesso; porém, exausto por sucessivas fricções, o maldito isqueiro não acendera e o cigarro acabara amarfanhado entre os dedos trémulos. Ainda assim, apesar dos nervos, De Richelieu não desarmara.

– Eu acho que vocês ainda não perceberam que os tempos são outros. E que o Partido está primeiro. É da vida, doutora!

– Desculpe, não me julgue burra! O que está primeiro são as pessoas! Deixe lá esse seu ar de intelectual superior! Nós assumimos as nossas opções e pagamos bastante caro o que nos assacam. Mas alguns de vocês substituíram os valores por interesses puramente imediatos. Essa é a questão.

– Tudo o que fizemos foi para salvaguardar o futuro do Partido que até, do ponto de vista político, é a sua família – insistira De Richelieu com ar de quem não acreditava no que dizia.

– Errado! – retorquira ela em tom pedagógico – Na política, como no resto da vida, a nossa família são os que não nos abandonam. A realidade é outra, veja o seu caso: tudo o que o meu amigo fez foi, em primeiro lugar, garantir o lugarzinho e, só depois, o Partido.

– Sabe bem que não podíamos arriscar uma derrota eleitoral por causa das vossas opções.

– Mas também não podiam apagar anos de trabalho com obra feita a favor da cidade!

– Não me faça rir ... – Mas a cara de De Richelieu era mais de quem estava com cólicas intestinais e não atinava com a localização da casa de banho.

– E aquela história da auditoria, que mais parecia uma acusação? ...

– Deixe lá a auditoria...

– Valha-nos Deus! Então gastaram dinheiro para quê? ... Repare, não foi a auditoria que me incomodou, foi o modo como a cena foi publicamente montada... – Nessa altura, De Richelieu engolia em seco, visivelmente constrangido, e esboçara um gesto de afastamento.

– Só lhe vou dizer mais uma coisa... venha cá, não se vá embora. – O braço do homem era escorregadio como enguia, talvez por efeito do óleo com que se besuntara; aliás, o braço poderia representar a sua pessoa, toda ela, sim, escorregadia. – Deixámos uma dívida grande mas grave aí no disco rígido da sua

cabecinha que fomos nós quem mais apostou nesta cidade como terra de cultura. Vocês esforçaram-se por regularizar as contas mas também cederam à tentação de ajustar contas. E olhe que, na prática, o ostracismo é uma forma limpa de assassinar. É claro que tem a vantagem de não pesar na consciência do seu autor, o que torna a coisa atractivamente barata... Gostei de vê-lo, muito bom dia, senhor **De Richelieu**. – Desta vez, o «De» fora acentuado com suprema elegância.

Mais do que um diálogo, o que se passara assemelhava-se a um longo discurso de Ana, interrompido, de vez em quando, pelo seu interlocutor. Um discurso disparado em rajadas, que a deixara sem fôlego mas ela recordava-se de que, nessa altura da conversa, De Richelieu parecia almareado sob violento mar de sueste e não conseguira aguentar mais. A avaliar pelo modo como arfava, no seu cérebro deviam chocalhar maldições tremendas que dariam para afogar um santo. Ela revia a cena com nitidez actual. Num gesto descontrolado, as entranhas revoltadas, os intestinos libertaram com estrondo uma bolsa de ar, aliviando-o da tensão e do enjoo, enquanto a imperial moribunda se derramava sobre o balcão. Arremessara algumas moedas ao empregado e virara costas a Ana que, divertida, ficara a vê-lo desaparecer rapidamente entre a multidão, na praia, onde o calor intenso do areal o obrigava a saltitar desajeitadamente, pois ameaçava derreter-lhe os chinelos de enfiar no pé.

No momento de desembrulhar esta cena, Ana era assaltada pela dúvida sobre o interesse de tal recordação. Mas, o certo é que, passados estes anos, ainda se mostrava capaz de reproduzir, na sua memória, quase as mesmas palavras. Como a repetição de um ritual catártico.